



Novo cenário na Venezuela

Panorama do Setor de Óleo e Gás

Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 2026

Destaques

- 03/01/26 - Autoridades dos Estados Unidos conduziram uma operação na Venezuela. Como resultado dessa ação, houve uma mudança no cenário político do país.
- Preço do barril se manteve estável no dia 05/01/26. Brent em US\$ 61 por barril e WTI oscilava na faixa de US\$ 57 a US\$ 58.
- Empresas norte-americanas apresentaram valorização em suas ações. Chevron (+7%), ExxonMobil (+3,2%) e Halliburton (+9%).
- Venezuela é o país com as maiores reservas provadas de petróleo no mundo, 303 bilhões de barris de petróleo, cerca de 17% das reservas mundiais.
- Produção atual da Venezuela (2025): cerca de 1,0 milhão de barris/dia, 0,8% da produção mundial.
- PDVSA é responsável por 95% das receitas de exportação de petróleo do país.
- Picos históricos de produção: 3,5 milhões b/d (1970); 3,0 milhões b/d (final dos anos 1990).
- 70% da produção é petróleo pesado e extrapesado (API < 22)
- Projeções sobre o investimento:
 - US\$ 53 bilhões para manter a produção no nível atual de 1,0 milhão de b/d.
 - US\$ 183 bilhões em investimentos entre 2026-2040 para alcançar 3,0 milhões de b/d.
- Para o Brasil, o cenário indica continuidade e previsibilidade, com as projeções do [Outlook IBP 2025-2029](#) apontando pico de produção em torno de 4,2 milhões de barris por dia em 2028, posto que os investimentos se mantêm em trajetória crescente no país.

Eventos recentes

Em 3 de janeiro de 2026, autoridades dos Estados Unidos conduziram uma operação na Venezuela, principalmente em Caracas e em áreas estratégicas adjacentes, com foco em ativos estatais sensíveis. Como resultado dessa ação, houve uma mudança no cenário político do país. Segundo comunicados oficiais do governo norte-americano, a iniciativa foi enquadrada no âmbito de esforços ampliados de cooperação internacional em matéria de segurança, combate a atividades ilícitas transnacionais e fortalecimento da estabilidade regional.

No plano político-econômico, as relações EUA-Venezuela foram marcadas por tensões e sanções crescentes. Desde 2006, o governo dos EUA impôs restrições graduais ao país. A administração Trump intensificou as sanções econômicas - congelou ativos venezuelanos e impôs embargo total ao petróleo. Esse embargo foi apenas temporariamente suspenso em 2023 (para compensar queda do petróleo russo), mas reimposto ao país. Essas sanções deixaram a Venezuela praticamente isolada do sistema financeiro internacional, agravando a crise econômica e o colapso da produção.

Do ponto de vista dos mercados de energia após a ação dos EUA, a reação inicial foi relativamente contida. Em 5 de janeiro, o petróleo Brent era negociado em torno de US\$ 61 por barril, enquanto o WTI oscilava na faixa de US\$ 57 a US\$ 58, refletindo variações moderadas diante de um cenário global caracterizado por níveis ainda confortáveis de oferta. O escoamento do petróleo venezuelano já vinha operando sob restrições significativas, em função de limitações comerciais previamente estabelecidas, o que contribuiu para reduzir efeitos imediatos sobre o equilíbrio do mercado internacional.

Em contraste, os mercados financeiros reagiram de forma mais sensível às expectativas de reconfiguração institucional e econômica no país. Ações de grandes empresas petrolíferas norte-americanas apresentaram valorização relevante na abertura dos mercados, com destaque para a Chevron (+7%), ExxonMobil (+3,2%) e Halliburton (+9%), refletindo a percepção de possíveis oportunidades futuras no setor energético. De forma paralela, títulos da dívida soberana venezuelana e da PDVSA registraram expressiva apreciação, com ganhos próximos a 20%, à medida que investidores passaram a incorporar cenários de reorganização financeira e eventual renegociação de passivos, acompanhados de uma redução gradual do prêmio de risco associado ao país.

Perfil do Setor de O&G da Venezuela

A relevância do país no cenário econômico global é devido às suas reservas de petróleo e gás natural, recursos energéticos essenciais à economia mundial. O país possui as maiores reservas provadas, que alcançam cerca de 303 bilhões de barris, o que corresponde a cerca de 17% das reservas globais conhecidas (EIA, 2024). Apesar das grandes reservas provadas, o país responde por apenas 0,8% do total mundial de petróleo bruto produzido, cerca de 1 milhão de b/d.

Mudanças no país que possam implicar em novas regras, estímulos ou investimentos na indústria de O&G tem o potencial de gerar reflexos na dinâmica do setor e na oferta de petróleo no longo prazo, o que indica oportunidades para empresas do setor. Desde o início dos anos 2000, a empresa estatal PDVSA desempenha papel central na organização do setor, respondendo por aproximadamente 95% das receitas de exportação do país. Ao longo desse período, observou-se um fortalecimento do papel do Estado na condução da atividade, ao mesmo tempo em que os investimentos em manutenção, modernização e expansão da capacidade produtiva foram progressivamente reduzidos. Esse movimento esteve associado a limitações fiscais, restrições no acesso a financiamento internacional, escassez de divisas e, em determinados momentos, à conjuntura desfavorável dos preços internacionais do petróleo.

Adicionalmente, parcela significativa da produção nacional está concentrada em petróleo de elevada densidade proveniente da Faixa do Orinoco, cujo aproveitamento exige infraestrutura específica de processamento e refino. Parte dessas instalações opera atualmente abaixo de sua capacidade nominal, em razão de desgaste técnico acumulado e gargalos operacionais. No plano doméstico, restrições no fornecimento de insumos críticos – como diluentes e componentes industriais – e a redução da produtividade contribuíram para interrupções recorrentes nas atividades.

Dessa forma, eventuais evoluções no quadro econômico e regulatório, bem como ajustes nas regras aplicáveis às atividades de exploração e produção, tendem a demandar programas consistentes de investimento em infraestrutura produtiva, logística e capacidade operacional. A materialização de ganhos sustentáveis no setor dependerá, portanto, da convergência entre estabilidade institucional, previsibilidade regulatória e aportes significativos de capital, público e privado.

Cenários e Perspectivas

O mercado estima que para manter a produção venezuelana atual próxima de 1 milhão de barris/dia seriam necessários cerca de US\$ 53 bilhões em investimentos. Em um cenário que considere uma produção alcançando 3 milhões de barris/dia entre 2026-2040, seriam necessários aproximadamente US\$ 183 bilhões em investimentos (RYSTAD, 2026).

Implicações para a Indústria Brasileira

Nesse contexto, ainda que o ambiente internacional esteja sujeito a flutuações pontuais de preços em função de fatores geopolíticos e conjunturais, as projeções indicam a manutenção de um cenário global de preços relativamente estável no horizonte de curto prazo. Para o Brasil, as projeções permanecem consistentes. O [Outlook IBP 2025-2029](#) mantém a expectativa de crescimento gradual da produção e dos investimentos, sustentados por projetos de longo ciclo, especialmente no pré-sal, e por um arcabouço regulatório estável. Nesse sentido, mesmo diante de possíveis reconfigurações no ambiente internacional, a expectativa é de que o país mantenha sua trajetória de expansão gradual da produção e crescimento dos investimentos em E&P, com impactos positivos sobre a indústria nacional, a arrecadação e a segurança energética.

Considerações Finais

As evoluções recentes no contexto venezuelano indicam que eventuais impactos sobre o mercado internacional de óleo e gás tendem, no curto prazo, a se manifestar de forma gradual, em função dos prazos de maturação e da natureza estrutural dos investimentos requeridos no setor. Nesse horizonte, os fundamentos do mercado permanecem relativamente estáveis, refletindo um ambiente global de oferta equilibrada.

Não obstante, a consolidação de novos arranjos institucionais, regulatórios e operacionais poderá, ao longo do tempo, introduzir alterações relevantes no perfil produtivo da Venezuela e em sua inserção no mercado energético internacional. Tais desenvolvimentos recomendam acompanhamento contínuo, uma vez que seus desdobramentos poderão influenciar decisões de investimento e a dinâmica regional de oferta no longo prazo. A evolução do contexto internacional seguirá sendo monitorada, considerando seu potencial

de gerar ajustes graduais no ambiente competitivo e nas oportunidades estratégicas para a indústria nacional de óleo e gás.



Onde a indústria e o futuro se conectam.

Expediente:

Presidência/CEO do IBP:
Roberto Furian Ardenghy

Diretora Executiva Corporativa:
Claudia Rabello

Diretor Executivo de E&P:
Claudio Fontes Nunes

Diretora Executiva de Gás Natural:
Sylvie D'Apote

Diretor Executivo de Downstream:
Carlos Orlando

Gerência de Análises Técnicas do Setor de Óleo e Gás:

Aldren Vernersbach

Juliana Barretto

Leonardo Lima

Vinícius Daudt

Gerência de Comunicação e Relacionamento com Associados:

Tatiana Campos

Vanessa Rangel

Demy Gonçalves

Carolina Souza

Carolina Pazó

Caroline Lyrio

Alexandre Romão



@ibpbr



/ibpbr



@IBPbr

IBP - Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis.
Av. Almirante Barroso, 52 - 21º e 26º andares - RJ - Tel.: (21) 2112-9000
ibp.org.br | relacionamento@ibp.org.br